



O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	600 "
Para o Brazil, por anno	2\$000 "
Para a Africa, por anno	1\$200 "
Numero avulso	30 "

Annuncia-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originæ sejam ou não publicados não se restituem.
Annuncios permanentes e communicados—preço convençionado.



MANIFESTAÇÕES DIVERSAS

Mais por espirito de partido que da verdade, pretendem alguns jornaes tirar á manifestação que o Porto fez a el-rei D. Manuel a elevada significação politica que teve.

Estão no seu campo esses jornaes; estão mesmo dentro da orbita que seguem nas suas campanhas d'alterar a verdade e os factos, desde que estes se apresentam como um desmentido a affirmações anteriormente feitas. São logicos.

As propagandas doutrinarias fazem-se assim e o povo, na sua credulidade ingenua, presta-lhes ouvidos; não se dá ao trabalho de destrinçar a verdade da mentira e toma como um evangelho o que por fim de tudo não passa de um amontoado de falsidades.

O que se está dando com a manifestação feita pelo Porto á familia real portugueza é uma prova do que acabamos de dizer.

Os jornaes anti-monarchicos, depois de deturparem a verdade dos factos, concluem por affirmar que aquella manifestação não teve importancia alguma, nem a significação que os monarchicos lhe querem dar. Ao mesmo tempo não perdem a oportunidade de fazer zombaria dos manifestantes, jogando-lhes motejos de uma graça duvidosa, chulos, demonstrativos da mediocridade intellectual de quem os joga.

Pois bem, quando uma manifestação não tem importancia, desdenha-se despreza-se até e não se perde com ella nem tempo, nem a tinta que se tem gasto em lhe minguar a significação. Não se lança mão das armas d'insulto, nem se atropella a verdade do que é signifiçante, basta a propria insignificancia para lhe tirar qualquer valor que se pretenda dar-lhe.

Por conseguinte, para que os jornaes anti-monarchicos se empenhem profiadamente em

amesquinhar a manifestação portuense, é porque esta teve importancia e a elevada significação que pretendem negar-lhe.

E teve-a, porque aquella grandiosa manifestação já outras se tem seguido, todas tendentes a demonstrar a grande maioria do paiz, a que representa as principaes forças vitæas, não deseja correr aventuras perigosas, nem servir de degrau para desenfreadas ambições politicas.

E' um ensinamento e ao mesmo tempo uma lição. O paiz não quer abdicar dos seus principios e instituições, por muito que em contrario apremem os nossos *sans-culottes*.

Quer ao mesmo tempo paz, ordem e tranquillidade, sem deixar por isso de manter e defender as liberdades adquiridas.

Passaram os tempos em que o partido democrata, pela voz dos seus chefes, em entrivistas celebradas com jornalistas estrangeiros, e nos proprios periodicos, declarava *urbi et orbi* que bastaria o mais pequeno encontrão para atirar com a monarchia em terra.

Depois das diversas manifestações realisadas, aquella linguagem poderá continuar com a emphase do costume, mas não significará mais que um desejo parcial e nunca a vontade do paiz.

O tal pequeno encontrão, que chegou a desvairar alguns pobres espiritos, a ponto de o quererem pôr em pratica nas ruas da Capital na noute de cinco de abril, tem de passar á lenda, ainda que pese aos que com aquella phrase conseguiram illudir alguns desgraçados incautos.

O ensinamento e a lição dos factos estão bem manifestos.

O Senhor Conselheiro

Dr. José Eduardo Simões Baião

Ainda se encontra n'esta Villa este illustre amigo a quem os habitantes d'este concelho rendem res-

peitosa homenagem, vendo n'elle o mais desvelado protector.

No domingo ultimo foi a *Philarmonica Figueiroense* apresentar os seus cumprimentos a sua excellencia, levando á sua frente, alem da digna direcção, os mais distinctos cavalheiros d'esta Villa, que aproveitaram o ensejo para mais uma vez testemunharem ao illustre Conselheiro a sua admiração pelas suas qualidades de character e coração.

Na segunda feira houve um lauto jantar offerecido em honra de sua excellencia, pelo nosso dedica lissimo amigo e baluarte politico do concelho o Sr Joaquim d'Aranjo Lacerda Junior, a que assistiram os mais sinceros admiradores das qualidades do Sr. Conselheiro.

Ao *toste* trocaram-se brindes de verdadeira fraternidade que deixaram no coração de todos os assistentes a mais agradável impressão.

O Sr. Conselheiro Baião, apesar do jantar não ter o menor character politico, enaltecendo as brilhantes qualidades do digno ministro da justiça, de quem sempre tem recebido provas de deferencia, levantou-lhe um brinde que foi entusiasticamente correspondido, levantando ainda outro ao illustre deputado por este Circulo, o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Jardim, em quem sempre encontra o maior desejo de ser agradável aos cavalheiros d'esta Villa.

E assim terminou o jantar deixando em todos os assistentes a impressão do maior agrado.

NOTICIARIO

Tem passado incommodada de saude a estremeçada filha do nosso presado amigo e patricio Sr. Manuel Simões d'Almeida.

Fazemos sinceros votos pelas melhoras da interessante menina.

O nosso querido amigo Rev.^o Lopes Rocha, da freguezia de Aguda, tem ostado de cama em resultado d'uma queda.

Sentimos sinceramente o desastre e muito desejamos o prompto restabelecimento d'aquelle nosso amigo.

O habil cocheiro da alquilaria do Sr. Carreira, por nome José Mendes e tambem conhecido por *José do Pifaro*, em resultado d'uma queda que deu junto da Fonte Nova d'esta Villa, fracturou a perna direita proximo do artelho.

Oxalá que aquelle bom rapaz consiga ficar sem defeito para nos continuar a prestar os bons serviços que todos muito apreciamos.

A tourada que teve lugar em Thomar no dia 24 do corrente, esteve muito concorrida; havendo quem assevere que foram alli cinco mil pessoas!

D'esta Villa sabemos que tambem alli foram os Srs. Francisco Magno Adrião Lagôa, Joaquim Miguel de Carvalho, Amadeu Simões Lopes, José Simões d'Abreu e sua Ex.^{ma} esposa, que regressaram na segunda feira.

Sabiu para o Porto a tratar dos seus negocios, o nosso amigo Sr. Benjamin Augusto Mendes, conceituado commerciante n'esta Villa.

O Sr. administrador d'este concelho, tem sido incansavel na perseguição dos vadios que por aqui appareciam para nos roubarem.

Bem baja.

O fim d'um desgraçado

Um pobre mendigo cheio de fome e frio foi assentar-se na praia, á espera que o mar lhe trouxesse algum marisco para se alimentar e, adormecendo, foi colhido pelas ondas para nunca mais ser visto.

E assim acabou a vida d'um infeliz.

Que bellas habitações

Ha uma povoação em S. Francisco dos Estados Unidos aonde não ha uma unica casa!

Os seus habitantes vivem em carruagens velhas do caminho de ferro, criando alli os seus filhos, dando as suas reuniões etc.

Ha muita gente desgraçada em todo o mundo!

Ovos de tubarão

Um grande chimico inglez, director do Laboratorio do governo da sua nação, tendo feito um rigoroso estudo sobre a alimentação por meio d'ovos diz-nos:—que os de tubarão são de muito mais valor nutritivo que os de gallinha, encontrando como unicos inconvenientes o seu cheiro e sabôr.

Maças

Está reconhecido que o uso de maças ás refeições é muito proveitoso para auxilio da digestão.

E' porem conveniente não as comer depois de peixe para evitar transtornos intestinaes.

A Ex.^{ma} Redacção—**«Leiria Illustrada»** LEIRIA

Origem e antiguidade da vinha

III

Do que deixamos exposto podemos deduzir que quando os povos aryannos, já meio civilizados, passaram á Europa, encontraram n'esta parte do mundo a vinha e nada mais fizeram do que applicar-lhe a arte de a cultivar e de fazer o vinho, cousas que sem duvida haviam aprendido no seu paiz de origem.

Effectivamente, é na região donde partiram as poderosas migrações que povoaram a Europa, que parece estar a primitiva patria da vinha, pois é alli que ainda se encontra hoje em estado natural ou bravo.

Ao chegarem á Italia, os povos aryannos encontraram sem duvida em estado bravo a planta cuja cultura e virtudes conheciam, ensinando essa cultura aos indigenas.

E' escusado por conseguinte imaginar, como o allemão Nissen que os aryannos transpuzeram os Alpes «com a charra e os bois; com a vinha e a pó-ladeira.»

A origem hellenica para a vinha italiana, para a da França, Portugal, Hespanha e de outros paizes é mais que duvidosa e não póle ser aceita. Temos a paleontologia e a archeologia a desmentil-a.

A propria etymologia dos termos consagrados á viticultura e á vinicultura tambem não é favoravel a uma hypothese que durante muito tempo passou como uma cousa corrente.

O termo latino *vinum* não deriva do grego, mas de um vocabulo commun ás primeiras raças indo-germanicas. E' tambem para notar que os termos latinos com respeito á vinificação são todos primitivos e de modo algum derivados do grego, quando, pelo contrario, os termos relativos á oliveira e ao azeite são de origem grega, pois não resta duvida de que os gregos ensinaram aos romanos a cultura da oliveira e o fabrico do azeite.

Tudo, portanto, tende a confirmar a hypothese de que foram, não os gregos que introduziram na Italia a cultura da vinha e a arte da vinificação, mas os primitivos povos aryannos que invadiram a Europa e que estes povos, encontrando inculta e

bravia na nova terra a planta, cujas propriedades conheciam, não perderam a oportunidade de lhe applicar os methodos de cultura que haviam aprendido na antiga patria.

Emfim, deviam ser muito imperfeitos os processos de cultura e de vinificação dos primitivos romanos. Os vinhos que obtinham eram grosseiros, de fermentação incompleta, avinagrando rapidamente, tanto mais os não trasfegavam, deixando-os na mesma vasilha onde haviam completado a fermentação e onde repousavam sobre as proprias borras.

Por esse motivo só preparavam a quantidade de vinha, justamente precisa para o consumo durante o anno.

Comprehende-se agora porque Cíneas, enviado do rei Pyrrhus, escarneceu do vinho romano, dizendo, ao ver as cepas trepando pelos olmos: «A mãe de semelhante vinho bem merecia tão elevada forca.»

Só quando Roma a conquistadora entrou em relações mais estreitas com os povos submettidos ao seu poder, é que aprendeu d'elles e especialmente dos gregos methodos menos rudimentares sobre a cultura da vinha e sobre a arte da vinificação.

Só então os romanos obtiveram vinhos dignos de inspirar os seus poetas, vinhos cuja celebridade não tardou a estender-se até aos extremos limites do imperio, chegando até nós.

Não deixa, portanto, de ter certo interesse conhecer a importancia da viticultura no tempo dos romanos, o que faremos nos artigos subsequentes, em que exporemos igualmente alguns usos e costumes, que ainda subsistem em varias regiões da Europa moderna.

Pedrogam Grande

28-5-1908

Tiveram lugar esta semana as lanchas que foram muito concorridas.

— Houve aqui um baptisado civil, que tem dado que fallar!

— Temos aqui visto alguns individuos da Castanheira de Pera em conferencia com o Sr. José Pires Coelho David.

— Já regressaram da compra de vinhos os negociantes d'esta Villa. Veem muito animados com os preços.

soltam uivos curtos, precipitados, que ecoavam ao longe n'uma toada terrivel.

— Onde estão as carabinas? — perguntou Roberto.

— Aqui, aos nossos pés.

— Pois bem, carrega uma e atira sobre aquelle patife que se aproxima demasiado do automovel.

Era um grande lobo negro dos montes Uraes, que separam a Europa da Asia. Aquelle lobo, alto e comprido, corria com uma velocidade de mais de 20 cavallos vapor, com as enormes fauces abertas.

Carlos Siuve pegou na carabina, carregou-a com toda a fleugma, apontou-a em seguida e fez fogo.

O esfaimado lobo deu um salto na direcção do automovel, mas bem depressa rodou pelo solo gelado.

Roberto Girl e o companheiro ouviram um enorme cõro de uivos, cõro medonho, que se repercutia na floresta com eccos ainda mais terribes. Voltando-se, viram os lobos que devoravam o companheiro, desmentindo d'este modo o proverbio que affirma o contrario.

O automovel continuava a rodar com o mesmo andamento.

— Não podes dar-lhe maior andamento, Roberto? — perguntou-lhe o

— O Sr. Antonio Lourenço tem estado para Lisboa d'onde é esperado breve.

— Falla-se por aqui no casamento da filha do Sr. Adelino Barreto com o Sr. Alves, guarda fiscal. E' uma menina muito prendada.

— O Sr. Antonio Jacintho traz a fazer uma calçada com pedra branca em volta do seu *chalet*.

— Os mercados d'esta Villa tem estado muito abundantes de todos os generos.

— Esperam-se aqui, por estes dias, os filhos da D. Margarida Roldão.

— Os milhos estão por aqui magnificos devido ao calor, porem as batatas perderam-se.

— Até breve.

Venda importante

Vende-se uma propriedade de casas com um pateo e logradouro proximo da Capella de N. Senhora da Madre de Deus.

Quem pretender dirija-se a esta redacção.

Policia correccional

Em addictamento á local publicada no numero 556 d'este jornal sob a epigraphe supra, temos a acrescentar que o queixoso da policia a que no dia 27 d'Abril ultimo respondeu José Diniz Pereira, do Carregal Fundeiro.

Declara agora que elle pagou innocentemente, do que são testemunhas os srs. Manuel da Silva Correia, José da Silva Junior, Manuel Correia da Conceição e Eduardo Barata Salgueiro, todos do Troviscal, tendo este ultimo dicto ao declarante na occasião d'elle se gabar:

— Então se elle foi pagar innocentemente, como é que você o fez processar?

Ao que elle respondeu:

— E' verdade; mas eu é que não tive a culpa.

Quem terá então tido a culpa se não foi o queixoso?

E' o que vamos ver.

Peça publicação d'estas linhas, senhor Redactor. Lhe fica muito grato o seu assignante

M. D.

SECÇÃO ALEGRE

BAGATELAS

AS DUAS BRUXAS

Em um lugar muito ermo viviam duas mulheres que passavam por serem feiticeiras.

Pessoa a quem ellas quizessem mal não havia desgraça que lhe não acontecesse.

Os visinhos evitavam por todos os modos ter contendas com taes mulheres e nas suas casas, curraes e searas tinham sempre pontas de carneiro, ferraduras e figas para afugentar o poder das malditas sobre tudo que lhes interessava.

Veio viver para o lugar um rapaz que tinha estado no Brazil aonde juntou bastantes meios de fortuna e ao principio divertia-se com as duas feias mulheres dando por essas distracções esmolas avultadas. Emquanto as cousas assim corriam era o brasileiro um venturoso a quem nada corria mal, porem os visinhos tanto acateavam o rapaz que elle foi de pouco em pouco deixando de fazer esmolas ás endiabradas mulheres inclinando a sua caridade para uns outros necessitados.

Desde que isto se deu começaram logo as desandancias do brasileiro. Morreu-lhe um lindo cavallo que elle muito estimava, ardeu-lhe uma casa que elle tinha mandado construir no lugar, para commodamente receber os seus hospedes; perdeu-se-lhe uma carta em que do Brazil lhe enviavam bastante dinheiro e entreveceu-lhe uma irmã que elle muito estimava.

O homem começou a viver muito desgostoso pelas desandancias da sua vida e estava resolvido a ir viver para outra terra.

Dias depois chegavam ao lugar uns ciganos e sabendo o brasileiro que elles traziam um bonito cavallo foi conversar com elles.

Os ciganos gostaram muito do homem e como elle lhes dispensou morada e protecção resolveram demorar-se por alli algum tempo.

Um dia indo um dos valentes ciganos para a fonte dar de beber ao soberbo cavallo, encontrou na estrada uma das feiticeiras com uma roca á cinta, e como a estrada era bastante estreita, foi a mulher apertada pelo cavallo contra a barreira, rosnando ella qualquer cousa que o cigano não ouviu.

O cigano continuou o seu caminho; mas começou a notar que o cavallo não queria andar.

Chegado á fonte, por mais que assobiou ao animal, não conseguiu que elle bebesse.

FOLHETIM

UMA ALCATEIA DE LOBOS

(Continuação)

Roberto Girl fez mover o volante do automovel, que tomou maior velocidade. Notou, porem, que o motor não funcionava bem, porque de quando em quando havia explosões irregulares, que faziam saltar o vehiculo.

Felizmente a neve, dura e compacta, como que nivelara o terreno. As rodas, no seu giro rapido, pareciam esmagar vidro triturado, produzindo um som agudo, como o ranger de uma porta.

De repente Roberto disse para o companheiro, apontando na direcção das sombras que se moviam com rapidez medonha:

— Olha! Repara bem!

Não havia que duvidar: Era uma alcateia de lobos, correndo com as fauces abertas, linguas pendentes e olhos coruscantes, brilhando no meio das trevas da noite.

De quando em quando, como que para se excitarem uns aos outros,

companheiro, que mantinha a carabina fumegante.

— Não; não é possivel. Bem sabes que, apesar dos pharoes, o terreno póde occultar ravina e precipitarmos n'ella, o que seria para os lobos que nos perseguem uma boa occasião para aguçar os dentes nas nossas carnes. Alem d'isso, o motor não sei o que tem. As suas explosões são muito irregulares.

— Está bem, Roberto. Se os sentos lobos se aproximarem como o primeiro, tenho aqui uma boa provisão de balas para os mimosear. Outra cousa, estaremos muito longe da primeira estação d'este maldito caminho de ferro?

— Nada te posso dizer.

Continuou a mesma luta de velocidade entre o automovel e os lobos.

Roberto e Carlos, voltando-se de quando em quando, viam a alcateia, illuminada pelo pharol, seguir a esteira do automovel, parecendo redobrar de velocidade na esperanza de um bom banquete.

Um dos lobos mais vigorosos que se distinguia perfectamente por estar mais perto do vehiculo, chegou em dado momento a transpor a distancia que o separava do automovel. Não calculou, porem, o salto com preci-

são, cahindo na frente do automovel, que o esmagou, deixando-o com a espinha dorsal quebrada.

Nova luta entre os lobos, que rapidamente devoraram o companheiro cahido.

— Se o automovel não avança mais, estamos perdidos — disse Carlos.

— Não é possivel! — redarguiu Roberto — Se algum mais ousado se approximar, envia-lhe uma bala. Não ha outro remedio.

Carlos entreteve-se durante alguns minutos a ver correr a alcateia. De quando em quando levava á cara a carabina e fazia fogo, murmurando:

— D'esta vez cahiram dous!

— Enquanto se entreteem a comel-os, é de crer que nos distanciamos da alcateia — dizia Roberto.

Os lobos, porem, estavam estai-mados, reconhecendo-se isto mesmo pela rapidez com que devoravam os companheiros cahidos, e voltavam a precipitar-se em douda correria sobre o automovel.

De repente o motor começou a trabalhar a custo. O automovel ainda rodou alguns minutos, mas não tardou a ficar immovel.

— Estamos bem arrançados! — exclamou Carlos.

(Continúa.)

O cigano voltou para casa e contou ao brasileiro a sua arrelia com o cavallo e este disse:

—Você encontrou alguém no caminho?

—Encontrei uma mulher mal encaçada com uma roca á cinta.

—Ai!... Então está perdido!

—Porque?

—Porque essa maldita enfeitou-lhe o cavallo.

—Vou mata-la disse o cigano.

O cigano foi logo a procura da morada das feitiçeras e apenas chegou em frente da porta d'ellas deu-lhe uma dôr muito forte em um ouvido que o obrigou a voltar para casa e quando alli chegou já trazia a cabeça e cara de tal forma enchada que ninguém o conhecia.

A visinhança ao siber do succedido ficou aterrada e todos foram levar presentes ás endiabradas mulheres para que estas lhes não fizessem mal.

Com os ciganos vinha uma rapariga côr de bronze, que era afeiçãoada ao companheiro doente, e sabendo tambem da arte de feitiço, foi logo a uma horta buscar umas ervas, fez um cosimento e applicou-o ao homem que dentro em pouco começou a sentir sensíveis melhoras succedendo o mesmo ao cavallo.

Apenas o brasileiro soube das melhoras do cavallo e cigano foi procurar-lhe de que meios se tinha servido para obter tão beneficos resultados.

O cigano chamando a companheira pediu-lhe que contasse ao seu protector como tinha obtido as suas melhoras e do cavallo, e ella disse o que tinha feito.

O brasileiro pediu-lhe que do mesmo remedio fizesse applicação a sua irmã, pois suspeitava que ella tambem estivesse enfeitada; applicação que lhe foi logo feita levantando-se momentos depois da cura.

O brasileiro deu uma boa quantia em dinheiro á engraçada cigana e pediu-lhe que caso soubesse algum meio de tirar o feitiço áquellas malditas o fizesse porque elle em paga lhe dava uma horta que possuia junto d'ellas.

A linda cigana arranjou um juncos e alta noite foi collocar-se á porta das bruxas e quando ellas sahiam para fazerem os seus feitiços deu duas juncadas em cada vulto que logo se transformaram em mulheres que de joelhos pediam que lhes não fizessem mal porque ellas desde esse momento em diante tinham perdido o condão de fazer mal.

A cigana deixando-as na estrada em estado de nudez em que haviam ficado depois das juncadas, veio para casa contar a toda a gente o succedido; recebendo os maiores louvores pelos beneficos que havia prestado aos habitantes do lugar.

Tempo depois ouviu-se dizer que as taes malfadadas mulheres andavam mendigando a caridade publica pelo Algarve.

machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

Hymno Credo-Escolar

Apezar de tão meninos,
Honremos a lei christã;
Porque de hoje os pequeninos
São-nos homens de amanhã.

«Deus e Patria» é a diviza
Dos filhos do christianismo,
Que o contrario paganiza
E leva ao tôrvo anarchismo.

Faremos a Liberdade
Longe da carnificina,
Que á pacifica Verdade.
Não é nenhum assassina.

«Deus e Patria», etc.

Assim como dos professores,
Respeitemos nossos paes
Sem reservas nem favores,
Que é a quem devemos mais!

«Deus e Patria», etc.

Se o livro enaltece a Deus,
Aceitemos-lhe a lição;
Mas se glorifica atheus,
Atiremol-o ao fogão.

«Deus e Patria», etc.

Guerra civil não faremos
Porque é parto de ambições,
Monstro em cujo dorso lemos
«Morte ingloria e maldições!»

«Deus e Patria», etc.

Se a Patria for invadida
Pelos collossos do norte,
Daremos por ella a vida,
Que aqui será vida a morte!

«Deus e Patria», etc.

Em nossos paes crentes vemos
Do Deus de nossos avós;
Mas que fôssem uns blasphemos,
Crentes seriamos nós.

«Deus e Patria», etc.

Faremos que auctoridade
Na lei seja respeitada,
Contanto que a liberdade
Por ella seja accatada.

«Deus e Patria», etc.

Não buscaremos affectos
Entre os amigos do mal,
Senão entre os bons adeptos
Da Justiça e da Moral.

«Deus e Patria», etc.

Liberdades subversivas
Jamais as defenderemos!
Para nós as objectivas
Do Juz que protegeremos.

«Deus e Patria», etc.

Em «direitos sem deveres»
Nunca saberemos crer;
Porque, a nossos fracos veres,
«Não ha d'reito sem dever».

«Deus e Patria» é a diviza
Dos filhos do christianismo,
Que o contrario paganiza
E leva ao tôrvo anarchismo.

A. d'Almeida.

SECÇÃO RECREATIVA

Anaclyticos

Àos curiosos

S O N S A A R U A L
O L A U S R E G U A
N A N A N U G A G U
S U A L O A U G E R
A S N O S L A U R A

A S E A R A R A S A
S I D R A M A J O R
E D A D E A M A M A
A R D I S R O J A M
R A E S A A S A R A

A R A R A A M A S A
M A L A R M I N O S
A R U L A A N O N A
S A R A R S O N I M
A S A M A A S A M A

Phrazeadas

A. A. d'Almeida

- 1—No auto e na muzica ha escola—1,1.
- 2—Aqui a patenta é tubo—1,2.
- 3—O instrumento não é cego na muzica. parvo—2,1,1.
- 4—Em quanto parenta é importancia—1,2.
- 5—Para descanso tenho eu o gabinete—2,1.
- 6—E' branca no moinho socegado—1,1.

A. C. Ariga.

Decifrações do n.º anterior

- 1—Enxova; 2—Engeitado; 3—Cangaço; 4—Tapioca; 5—Badaleira; 6—Bagata.

Tragedia sangrenta

Um d'esses tantos jovens que riem da moral, insultam-nos padres e blasphemam da religião, acaba d'assasinar em plena praça publica da velha cidade de Rómulo a Maria Capocaza, joven e virtuosa donzella que se recuzara a acceitar as suas infames propostas, sendo esta a unica razao porque o monstro a matara a tiros de revolver, suicidando-se em seguida.

Foi-lhe encontrada a seguinte carta-cynismo:

«Querida mãe:

«Desculpa-me o que fiz, mas não pude conter o meu braço.

«Pego-te que me não faças enterro religioso, porque ainda depois de morto me haviam de incomodar os padres.

«A todos os da nossa familia peço desculpa.

Teu filho

Arthur.»

—Está claro que ao sahir de casa o monstro já ta resolvido a fazer o que fez.

As educações sem Deus são assim mesmo!

Persegue-se uma mulher que ou cede ou não cede. Se cede, está irremediavelmente perdida; se não cede, mata-se! Que bellos liberaes!!

Pobre mulher! que sempre foste, és e serás a escrava senão a victima da torpeza ou ferocidade do homem! E quanto mais bonita peor!

Maria Capocaza era lindissima!—Dias depois lia-se a seguinte inscripção sobre a porta da Igreja pa-

rochial a que a joven martyr da virtude pertencia:

A QUERIDA IRMÁN MARIA CAPOCAZA EXEMPLO DE PIEDADE E FORTALEZA CHRISTÁN BARBARAMENTE ASSASSINADA AS PIAS UNIÕES DAS FILHAS DE MARIA EM ROMA INVOCAM A ETERNA PAZ

Ao solemne officio fúnebre assistiram—além de muitissimas outras pessoas—cêrca de 300 donzellas «filhas de Maria», que alli foram render preito de homenagem á heroica virtude da sua querida irman.

—Como a virtude se distingue do crime!

L. M.

ANNUNCIOS

CASAS

Vende-se um predio para 3 inquilinos. Tem quintal murado com poço e boa agua.

Rende 5 ou 6 por cento e pôde ser vendido em 2 lotes.

Quem pertender dirija-se a

Manuel Barrocas

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MOLEIRO

Precisa-se um que seja activo e dê boas referencias. Só se admitte quem souber cumprir bem com os seus deveres.

Nesta redacção se diz.

ADVOGADO

Marcolino da Silva

Escriptorio ao lado do deposito do Tabaco, propriedade do Sr. José Manuel Godinho, aonde pôde ser procurado todos os dias das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

LOTERIA

DA

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

100:000\$000 REIS

Extracção a 11 de junho de 1908

Bilhetes a... 40\$000 reis

Vigesimos a... 2\$000 reis

A thesouraria da Santa Casa incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida sua importancia e mais 75 reis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 p. c. de commissão.

Remettam-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 31 de março de 1908.

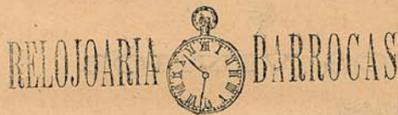
O thesoureiro

L. A. de Avellar Telles.

ANNUNCIO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 31 do corrente por 11 horas da manhã, nos Esconhaes, freguesia da Castanheira de Pera, se hão de vender em hasta publica a



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de mesa e parede; relógios mourês de pesados com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas—Vulcain, Longines, Civel, Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruzes, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios,

quem maior lango offerecido varios bens moveis, inclusive vasilhame, arrolado nos autos de fallencia do Visconde da Castanheira de Pera.
Figueiró dos Vinhos, 18 de maio de 1908.

Verifiquei:

O Juiz 1.º substituto
M. Vasconcellos.

O escrivão do 1.º officio
Joaquim F. de Campos Jardim.

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do escrivão do 2.º officio, correm editos de trinta dias, citando o interessado Viriato dos Santos, solteiro, maior, anzeite em parte incerta, a fim de assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu pae Antonio dos Santos Ventura, morador que foi no logar d'Alge, freguezia de Campello.

Figueiró dos Vinhos, 29 de janeiro de 1908.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
João Ribeiro.

O Escrivão
Joaquim Antunes Ayres Baraca.

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos e cartorio do escrivão do 2.º officio, correm editos de trinta dias, citando Paulo Gadet, marido da interessada Maria do Carmo, residente em Lisboa, em parte incerta, a fim de assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua sogra Maria da Conceição, moradora que foi no logar do Villar, freguezia de Castanheira de Pera, viuva de Manuel Coelho.

Figueiró dos Vinhos, 7 de maio de 1908.

Verifiquei:

O Juiz de Direito 1.º subst.º
M. Vasconcellos.

O Escrivão
Joaquim Antunes Ayres Baraca.

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

PROVINCIA DA EXTREMADURA

LEIRIA, SANTAREM E LISBOA

Mappa chorographico d'esta provincia cuidadosamente elaborado pelo capitão do exercito hespanhol D. Benito Chias y Carbo

E' uma obra perfeita e de absoluta necessidade para os que desejem conhecer esta provincia com seus districtos, os quaes são impressos em lindas côres, com as suas vias de communicação, os seus rios, as suas montanhas, as suas povoações, tudo isto perfeitamente disposto e impresso a nove côres, permitindo encontrar-se com facilidade o qonto que se procura.

Este mappa é feito segundo o systema da Commissão de Serviços Geodesicos Portugueza.

E' portatil, dobrando-se e reduzindo-se á oitava parte do seu tamanho, para o que é reforçado com uma

bella tela de linho, cujo involucro em fórma de livro, o torna ao mesmo tempo uma elegante e primorosa edição. Preço 400 réis. Pelo correio 420 réis.

A colleção das provincias do continente, ilhas dos Açores, colonias africanas e India, que se compõe de 18 livrinhos, custa 43800 réis. Pelo correio 53000 réis. Mappa de cada provincia 400 réis. Pelo correio 420 réis.

Do mesmo systema ha tambem o mappa geral que abrange Portugal e Hespanha por 13200 réis. Pelo correio 13230 réis. E ainda o mesmo mappa em folha inteira e sem tela, proprio para salas, escriptorios e escolas primarias por 300 réis. Pelo correio 630 réis.

Todos os pedidos, sempre acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a Eugenio Moreira --ARGANIL.

HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOAO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Campanhia de Thomar)

FIGUEIRO DOS VINHOS

Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, esculpando-se no acao.

PREÇOS MODICOS

Atenção!—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepcionaes para esta terra.

— CAZA DO BARATEIRO —

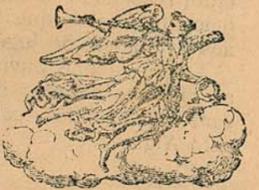
Esta caza commercial, situada por baixo do **Hotel Commercial**, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de merceria, tudo por preços convidativos.

Na **CASA DO BARATEIRO**, — João Luiz Junior, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

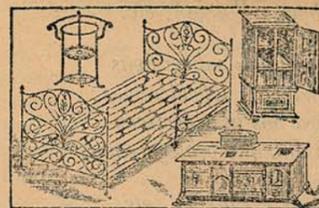
Eia pois! Ide á loja do **Barateiro**, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.

NA LOJA
DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRO DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO
encontram-se á venda

camas de ferro a 23000.

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.

—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

DEPOSITO DE TABACOS

E

PHOSPHOROS

Agencia de vendas para a circumscripção que comprehende os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Venda de todas as marcas de tabaco picado, cigarros e charutos da tabella da Companhia.

Charutos estrangeiros das acreditadas marcas «La Casa», «Mignon», «Melitas», «La Mar» e outras para 50, 60, 80 e 100 reis.

Descontos aos possuidores de licença de venda.

Correspondente de diversas casas bancarias.

Cobrança de letras sobre todas as terras do paiz e pagam-se saques do Brazil e Africa, cheques sobre Londres e outras praças no estrangeiro.

Seguros contra fogo.

Agencia da Companhia de Seguros «Tagus».

José Manuel Godinho.